

Preconceito e Racismo Religiosos: Uma Revisão de Escopo

Samira Silva Costa^{1,*}

Orcid.org/0009-0009-1751-1070

Rose Mariane Passos Cavalcante¹

Orcid.org/0009-0005-1174-5571

Rita de Cassia de Jesus Oliveira¹

Orcid.org/0000-0002-8611-9461

Marcus Eugênio Oliveira Lima²

Orcid.org/0000-0001-5280-130X

*¹Centro de Educação e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia,
Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, Brasil*

*²Programa em Pós-graduação em Psicologia, Centro de Educação e Ciências Humanas,
Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, Brasil*

Resumo

Objetivo: O presente artigo tem como objetivo investigar artigos que abordam o racismo religioso e o preconceito religioso. **Método:** Para isso, foi realizada uma busca nas bases de dados (SciElo) e Periódicos CAPES, utilizando os descritores “religious prejudice” e “preconceito religioso”. **Resultados:** A busca inicial resultou na identificação de 96 publicações, e após a aplicação dos filtros, o número foi reduzido para 26 trabalhos. Dos 26 artigos selecionados, metade são da área da psicologia ($n = 13$), com destaque para a psicologia social ($n = 5$), os demais artigos são de áreas como sociologia, antropologia, ciências sociais, ciências políticas, educação e música. As publicações nacionais concentram-se no racismo religioso direcionado às religiões de matriz africana, uma vez que os adeptos a essas crenças são os principais alvos de discriminação no país. No que se refere ao preconceito contra outras religiões, seis artigos abordam a discriminação contra muçulmanos, e um artigo trata do preconceito contra ateus. Além disso, foram encontrados artigos que abordam intervenções de combate ao racismo religioso. **Conclusão:** Os resultados indicam a necessidade de ampliar as discussões e implementar ações mais efetivas para combater o racismo e o preconceito religioso, considerando os prejuízos que esses fenômenos causam tanto no nível individual quanto no coletivo.

Palavras-chave: Preconceito religioso, racismo religioso, intolerância religiosa, religiões de matriz africana, revisão de escopo.

* Correspondência: Av. Marcelo Deda Chagas, s/n, 49107-230, Bairro Rosa Elze, São Cristóvão, SE, Brasil. Tel.: (71) 99972-1282. E-mail: samirasilvs2002@gmail.com.

Religious Prejudice and Racism: A Scoping Review

Abstract

Objective: This article aims to investigate articles that address religious racism and prejudice. **Method:** To this end, a search was conducted in the SciElo and CAPES Periodicals databases, using the descriptors “religious prejudice” and “preconceito religioso.” **Results:** The initial search identified 96 publications, and after applying filters, the number was reduced to 26 articles. Of the 26 articles selected, half are in the field of psychology ($n = 13$), with an emphasis on social psychology ($n = 5$), while the remaining articles are in fields such as sociology, anthropology, social sciences, political science, education, and music. National publications focus on religious racism directed at African-based religions, since followers of these beliefs are the main targets of discrimination in the country. With regard to prejudice against other religions, six articles address discrimination against Muslims, and one article deals with prejudice against atheists. In addition, articles were found that address interventions to combat religious racism. **Conclusion:** The results indicate the need to broaden discussions and implement more effective actions to combat racism and religious prejudice, considering the damage that these phenomena cause both at the individual and collective levels.

Keywords: Religious prejudice, religious racism, religious intolerance, African-based religions, scoping review.

Prejuicio y Racismo Religiosos: Una Revisión de Alcance

Resumen

Objetivo: El presente artículo tiene como objetivo investigar artículos que abordan el racismo religioso y el prejuicio religioso. **Método:** Para ello, se realizó una búsqueda en las bases de datos (SciElo) y Periódicos CAPES, utilizando los descriptores “religious prejudice” y “preconceito religioso”. **Resultados:** La búsqueda inicial dio como resultado la identificación de 96 publicaciones y, tras aplicar los filtros, el número se redujo a 26 trabajos. De los 26 artículos seleccionados, la mitad pertenecen al área de la psicología ($n = 13$), con especial énfasis para la psicología social ($n = 5$), y el resto pertenecen a áreas como la sociología, la antropología, las ciencias sociales, las ciencias políticas, la educación y la música. Las publicaciones nacionales se centran en el racismo religioso dirigido a las religiones de origen africano, ya que los seguidores de estas creencias son los principales objetivos de la discriminación en el país. En lo que respecta al prejuicio contra otras religiones, seis artículos abordan la discriminación contra los musulmanes y un artículo trata el prejuicio contra los ateos. Además, se encontraron artículos que abordan intervenciones para combatir el racismo religioso. **Conclusión:** Los resultados indican la necesidad de ampliar los debates e implementar acciones más efectivas para combatir el racismo y los prejuicios religiosos, teniendo en cuenta los daños que estos fenómenos causan tanto a nivel individual como colectivo.

Palabras clave: Prejuicio religioso, racismo religioso, intolerancia religiosa, religiones de origen africano, revisión de alcance.

A sociedade é formada por pessoas com crenças e costumes variados, refletindo uma ampla diversidade religiosa. No entanto, os julgamentos sobre as diferentes formas de vivenciar as crenças frequentemente levam a situações de preconceito, ocasionando prejuízos significativos tanto em nível individual quanto coletivo (Crawford, 2002).

O preconceito religioso pode ser definido como um conjunto de ideologias e atitudes discriminatórias ou ofensivas direcionadas a crenças, rituais e práticas religiosas, principalmente contra as religiões consideradas não hegemônicas (Nogueira, 2020). Ele pode se manifestar de várias formas e com diferentes denominações, dependendo do grupo religioso ou da prática que é alvo. O termo “preconceito religioso” é utilizado quando a discriminação é motivada por discordância entre os dogmas de diferentes religiões, enquanto “racismo religioso” refere-se à discriminação dirigida a práticas religiosas de origem africana (Nogueira, 2020).

O preconceito vai além de ser simplesmente algo pré-estabelecido, pois sua existência serve à finalidade de manter posições de poder dentro das relações sociais. Não se limita apenas a atitudes individuais, mas se relaciona com as posições e normas de um grupo dentro da estrutura sócio relacional, com o intuito de manter a hegemonia. Atitudes preconceituosas derivam de julgamentos antecipados, que incluem componentes cognitivos (crenças e estereótipos), afetivos (sentimentos de antipatia e aversão) e disposicionais ou volitivos (tendências para discriminar) (Lima, 2011).

A expressão do preconceito religioso ocorre de diversas formas na sociedade, desde um nível macro, de forma mais institucionalizada, até um nível micro, nas relações interpessoais. No nível micro, ou seja, nas relações cotidianas entre as pessoas, pode-se afirmar que preconceito religioso é expresso por meio de pequenos conflitos cotidianos, quando um indivíduo se acha no direito de tratar o outro ou a crença do outro de forma depreciativa, ou até mesmo quando se destroem símbolos e vandalizam locais de culto

de religiões consideradas inferiores, erradas e/ou inimigas (De Ataíde, 2017; Gabatz, 2015).

Em um nível macro, se manifesta de maneira mais sutil e velada, por exemplo na tipificação incorreta de crimes de intolerância religiosa como conflitos menores, por exemplo, “picuinhas entre vizinhos” (Miranda, 2010). O preconceito religioso deve ser visto como um problema público, a forma como os agentes do Estado adotam posturas diversas diante dos atos de preconceito leva à negação e desqualificação desses atos como um crime, portanto as denúncias nem chegam à vara criminal (Hartikainen, 2021).

Além dos debates sobre como o Estado enfrenta o preconceito religioso, existe uma discussão sobre os diferentes termos usados para se referir a esse fenômeno. Miranda (2021) defende o uso do termo “racismo religioso” uma vez que os estereótipos e as violências sofridas pelas religiões de matriz africanas são herança de um projeto de apagamento do legado cultural da população negra. Além disso, apesar da diversidade racial dos praticantes da umbanda, candomblé e outras religiões afro-brasileiras, os ataques preconceituosos são geralmente direcionados a praticantes negros.

O uso comum do próprio termo “intolerância religiosa” é suave demais diante da gravidade das inúmeras violências direcionadas a essas religiões. A palavra “intolerância” pode sugerir que a luta dessas comunidades religiosas é para ser tolerada, e não de fato respeitada e entendida. Diante da minimização e impunidade no julgamento legal de muitos casos de preconceito religioso, esse debate na escolha dos termos não é meramente linguístico, mas busca cobrar uma percepção mais firme das instituições legais (Miranda, 2021). Neste artigo, optamos por utilizar tanto o termo “racismo religioso” quanto “preconceito religioso”, considerando que mesmo com o uso do descritor “preconceito religioso” foram identificados estudos que abordam tanto religiões de matriz africana quanto outras tradições religiosas, além do preconceito direcionado ao ateísmo.

Outra diferença importante a ser pontuada é entre o conceito de religião e religiosidade. Enquanto a religião é considerada algo mais institucional, a religiosidade é vista como algo de dimensão pessoal. É importante ressaltar que os dois conceitos podem ser complementares, a religião é o conjunto de dogmas e regras de uma instituição e a religiosidade é a expressão pessoal do indivíduo que segue uma instituição religiosa. Uma vez que essas dimensões são complementares e para certas pessoas até inseparáveis, muitos artigos usam religião e religiosidade como sinônimos (Gomes et al., 2014).

É importante refletir que o forte preconceito direcionado às religiões negras não é um acontecimento aleatório ou fruto de simples escolhas individuais, mas sim o reflexo de anos de políticas públicas que marginalizam religiões de matriz africanas. Os preconceitos contra religiões de matriz africanas são uma tentativa de apagamento das heranças afro-brasileiras. Na colônia, a religiosidade da população negra era considerada heresia, e na república, as religiões afro-brasileiras eram consideradas um símbolo de atraso da sociedade (Silva, 2011). O Código Penal de 1890, por exemplo, criminaliza “praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismãs e cartomancias para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar cura de moléstias curáveis e incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade pública” (Brasil, 1890, art. 157).

Essa lei legitimou a destruição de terreiros e casas religiosas, bem como a apreensão de fios de contas, vestimentas e representações de orixás (Carneiro, 2019). Somente com a Constituição de 1988 as práticas religiosas de matriz africanas foram reconhecidas como religião. As tradições sobreviveram por meio de resistência, do contato cotidiano e da intersecção com outras práticas, mas os efeitos da perseguição a qual foram submetidas podem ser vistos na constante demonização de religiões como a umbanda e o candomblé.

Mesmo em regiões com forte expressividade das religiões afro-brasileiras, seus praticantes não conseguem viver suas religiosidades sem enfrentar fortes violências, inclusive no ambiente escolar. Enquanto religiões cristãs são expressas em ambientes públicos (educação, saúde, assistência social etc.), outras seguem “historicamente estigmatizadas e marcadas pela depreciação” (Rodrigues, 2020). Existe uma hierarquia entre as religiões brasileiras, mesmo com a suposta laicidade do estado, e a atuação do poder público muitas vezes depende da pressão dos membros das religiões de matriz africanas (De Jesus et al., 2023).

Segundo o Painel de Dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos (Brasil, Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania [MDHC], 2024), os casos de preconceito religioso no primeiro semestre de 2024 já representavam 91% dos casos totais do ano anterior, demonstrando um aumento significativo. Apesar de ser um tópico tão atual e importante, existem poucos artigos que abordem de forma integral sua conceitualização, manifestação e consequências. Uma pesquisa nos registros em repositório de domínio público Open Science Framework (OSF), Figshare e Research-Gate mostrou a ausência de revisões de escopo sobre preconceito e racismo religioso.

Diante desse quadro, o presente artigo tem como objetivo investigar artigos que abordam o racismo religioso e o preconceito religioso. A produção deste artigo preenche uma lacuna nas revisões sobre o tema e traz uma perspectiva importante ao utilizar artigos em português, por levar em consideração as diferenças na expressão do racismo religioso no Brasil e em outros países. Espera-se que os dados possam contribuir para a compreensão de como o racismo religioso e o preconceito religioso se manifestam na atualidade.

Método

Bases de Dados

A pesquisa consiste em uma revisão de escopo baseada no *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analysis Protocols* (PRISMA-ScR) – extensão para revisões de escopo (Tricco et al., 2018). As buscas foram realizadas por duas pesquisadoras nas plataformas Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Periódicos CAPES.

Análise de Dados

Critérios de Inclusão e Exclusão

Foram definidos critérios de inclusão para seleção dos artigos antes da busca nas bases de dados. Foram eles: (a) abordar preconceito religioso; (b) ser artigo; (c) ter sido publicado entre 2000 e 2023. Em relação aos critérios de exclusão, materiais além de artigos, como livros, capítulos de livros, dissertações e outros tipos de publicações foram excluídos. Também foram retirados itens duplicados ou de acesso fechado.

A seleção dos artigos que atendiam aos critérios de inclusão e exclusão foi dividida por três autoras, a partir da leitura do título, resumo ou corpo do texto. Nos casos em que uma autora teve dúvida sobre a inclusão do trabalho, o artigo em questão foi separado para chegar a um consenso a partir da análise das demais autoras.

Coleta e Materiais

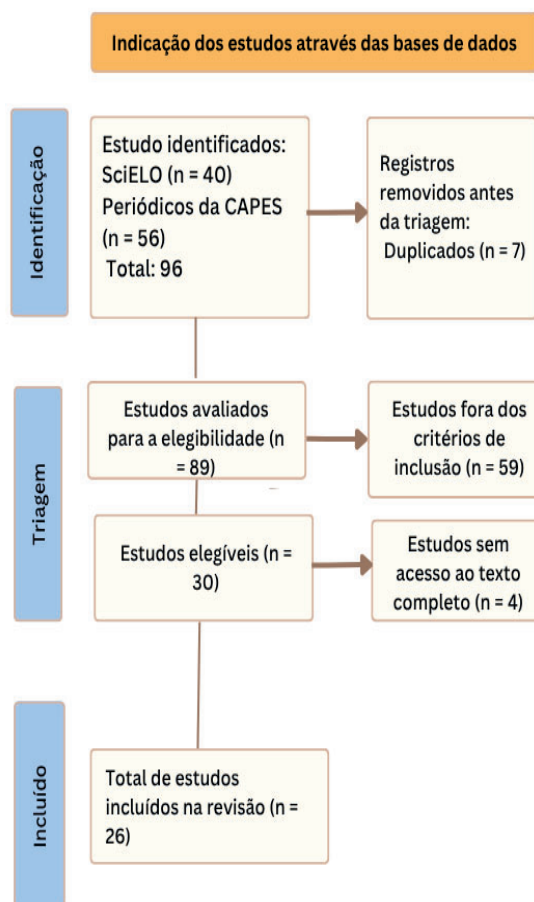
A busca nas bases de dados foi realizada no mês de janeiro de 2024, para a busca nas bases de dados foram utilizadas as palavras descritoras: “religious prejudice” e “preconceito religioso”. Na plataforma Periódicos CAPES, ao realizar a busca com a palavra descritora “preconceito religioso”, foi aplicado o filtro de artigos revisados por pares e o filtro por título. Por outro lado, na busca com a palavra descritora “religious prejudice”, foram utilizados os filtros de artigos revisados por pares, por título, e especificamente

nas áreas de psicologia e psicologia social, com o objetivo de filtrar melhor a grande quantidade de artigos encontrados. Além disso, o intervalo temporal considerado foi de 2000 a 2023, e os idiomas selecionados foram inglês, espanhol e português, a fim de obter uma filtragem mais precisa dos materiais.

Todos os materiais encontrados na busca foram importados para a plataforma *Rayyan.ai*, um site gratuito que auxilia na organização e filtragem de referências. A primeira etapa de filtragem consistiu na leitura dos títulos e resumos dos artigos. Foram excluídos: (a) materiais que não eram artigos, como dissertações e capítulos de livros; (b) artigos que não tinham acesso aberto; e (c) artigos que não atendiam aos critérios de inclusão estabelecidos. Os artigos restantes foram selecionados para leitura integral e fichamento.

A busca inicial nas bases de dados foi realizada pelas autoras e teve como resultado 96 materiais sendo estes, 56 da plataforma Periódicos CAPES e 40 da plataforma Scielo. Destes, foram excluídos sete materiais duplicados e os demais foram analisados e filtrados de forma independente de acordo com os critérios de inclusão e exclusão predeterminados. Após a leitura dos títulos e resumos, foram excluídos 59 artigos que não atenderam aos critérios de inclusão, (isto é, abordar sobre preconceito religioso e/ou intolerância religiosa no título, resumo ou corpo do texto) resultando em 30 materiais elegíveis para a leitura. Não foi possível encontrar o texto completo de quatro publicações, restando ao final 26 artigos para a leitura integral. Esse processo de busca e filtragem dos artigos é ilustrado no fluxograma abaixo (Figura 1), seguindo as orientações do PRISMA.

Figura 1
Fluxograma de Seleção dos Estudos

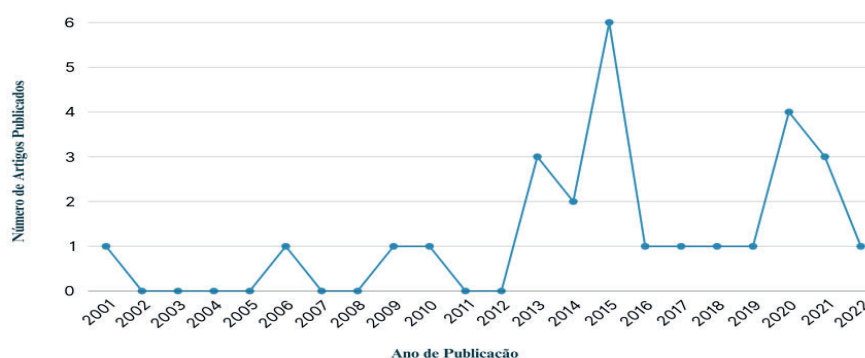


Resultados

Os estudos incluídos e as suas informações, assim como aspectos relacionados ao seu conteúdo foram divididos em três tabelas de acordo com linha temática: “Artigos sobre racismo religioso contra religiões de matriz africana” (Tabela 1) e “Artigos sobre preconceito religioso de forma geral e contra outras religiões” (Tabelas 2 e 3). Tendo em vista a quantidade de estudos sobre preconceito religioso de forma geral com foco na abordagem educacional e visando melhorar a compreensão das principais características dos achados, a tabela foi dividida em duas. Assim, a Tabela 2 ficou com os artigos sobre preconceito religioso de forma geral em ambientes diversos, enquanto a Tabela 3 ficou com aqueles que apresentavam intervenções ou manifestações de preconceito religioso no âmbito educacional.

O estudo mais antigo incluído na revisão foi publicado em 2001 e o mais recente em 2022. É possível perceber um aumento na produção de artigos com foco em preconceito e racismo religioso a partir de 2009, com número máximo de publicações em 2015, quando seis dos artigos incluídos nesta revisão foram publicados. Observa-se que muitos artigos incluídos na primeira fase da seleção foram excluídos porque tinham como foco estudar a correlação entre o fundamentalismo religioso e alguns tipos de preconceito, como machismo, homofobia, xenofobia e inclusive o racismo, mas não tratavam de fato do preconceito contra outras manifestações religiosas. As datas de publicação dos artigos, portanto, refletem a produção de trabalhos com foco na discriminação religiosa, mostrando um aumento a partir de 2013 e um recuo desde 2022, quando o artigo mais recente foi publicado.

Figura 2
Número de Artigos Publicados por Ano



Dos 26 artigos selecionados, metade são da área da psicologia ($n = 13$), com destaque para a psicologia social ($n = 5$), os demais artigos são de áreas como sociologia, antropologia, ciências sociais, ciências políticas, educação e música. Esse último é o que mais difere quanto à área de conhecimento, mas apresenta fatos importantes sobre como o preconceito afeta a vivência religiosa de praticantes de religiões de matriz africana a partir da análise da letra de alguns pontos de quimbanda. A grande quantidade de artigos da psicologia decorre do uso dos filtros “psicologia” e “psicologia social” na área durante a busca feita com as palavras descritoras “religious prejudice”. Quanto à origem de publicação, os artigos são diversos, com revistas do Brasil, África do Sul, Reino Unido, Estados Unidos, Suíça, Alemanha e Nova Zelândia. Oito dos artigos foram publicados em português, um em espanhol e sete em inglês.

Para melhor compreensão dos resultados encontrados, estes serão explicados a partir de dois tópicos organizados de acordo com a similaridade temática entre os artigos. O primeiro tópico “Racismo religioso e as religiões de matriz africanas no Brasil” discorre sobre artigos que possuem como foco o preconceito e racismo religiosos direcionado às religiões afro-brasileiras. Enquanto o segundo tópico, “Preconceito

religioso de forma geral e contra outras religiões”, agrupa artigos que abordam o preconceito religioso de forma geral e, também, direcionado às demais religiões.

Racismo Religioso e as Religiões de Matriz Africanas no Brasil

Dos 26 artigos selecionados, sete têm como tema o racismo contra religiões de matriz africana. Todos os sete trabalhos sobre religiões de matriz africana foram publicados em revistas brasileiras e percebe-se que as publicações nacionais sobre o racismo religioso costumam ter como foco religiões vinculadas a herança afro-brasileira, uma vez que, como vimos, os praticantes dessas crenças são os principais alvos de discriminação no país (MDHC, 2024).

Tabela 1*Artigos da Psicologia sobre Racismo Religioso contra Religiões de Matriz Africana*

Autor(es)	Área	Objetivo	Método
Fonseca (2001)	Psicologia	Compreender o processo de estigmatização dos devotos das religiões afro-brasileiras no Recife, com ênfase a determinados preconceitos.	Entrevistas com devotos de religiões de matriz africana seguidas de análise do conteúdo.
R. S. de A. Gomes (2013)	Música	Analisar a cosmo visão umbandista através dos pontos cantados e práticas sonoras em geral, dos discursos dos participantes do Terreiro.	Análise do discurso de participantes do Terreiro de Umbanda Reino de Luz e seus principais pontos de atrito com visões do senso comum.
Nascimento (2015)	Comunicação social	Refletir sobre os preconceitos étnico-religiosos a partir da minissérie Tenda dos Milagres, inspirada na obra de Jorge Amado.	Texto majoritariamente teórico, mas foram feitas entrevistas com 30 praticantes do Candomblé.
Hartikainen (2021)	Antropologia social e cultural	Estender a análise de Ana Paula Mendes de Miranda quanto à hostilidade às religiões de matriz africana.	Texto teórico
Quintana (2018)	Ciências humanas	Analisar a relação entre as religiões afro-brasileiras e o contexto escolar.	Entrevistas realizadas com professores de religiões de matriz africanas.
Martins & Wingert (2019)	Ciências humanas/ história/ antropologia	Teve como objetivo apresentar a intolerância religiosa como mais um aspecto que faz parte do racismo e preconceito.	Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com docentes.
Freitas (2021)	Antropologia e educação	Apresentar algumas contribuições da Antropologia para o preconceito contra práticas culturais e tradições religiosas afro-brasileiras.	Revisão teórica

A maioria dos trabalhos apresenta como método entrevistas, sobretudo com praticantes de religiões de matriz africana (e.g., Fonseca, 2001; Gomes, 2013; Martins & Wingert, 2019; Nascimento, 2015; Quintana, 2018) e tem como objetivo entender como essas pessoas vivenciam o racismo religioso. Um aspecto importante do

racismo religioso é como ele se manifesta de uma forma naturalizada no ambiente escolar. Entrevistas com professores evidenciam a forma como o racismo se impregnou nesse ambiente através de diversos mecanismos, inclusive da intolerância religiosa, possuindo como perpetuadores a comunidade escolar, por exemplo, os

professores, os alunos, a coordenação e as famílias (Martins & Wingert, 2019; Quintana, 2018).

Além de terem que enfrentar os desafios de calendários majoritariamente cristãos, que desconsideram datas importantes para religiões de matriz africanas, os alunos adeptos de tais religiões são obrigados a lidar com constantes tentativas de conversão e a proibição de formas de manifestação religiosas. Partindo do pressuposto de que “intolerância religiosa para com as religiões de matriz africana e afrobrasileira é fruto do racismo contra a cultura e população negra” (Martins & Wingert, 2019, p. 80), conclui-se que, apesar da existência de leis para o combate do racismo e intolerância religiosa no meio escolar, ainda se percebem resistências, preconceitos e discriminação na escola.

Essas diversas violências religiosas praticadas nas escolas afetam não só o clima escolar, mas trazem consequências para além do ambiente e do período educacional. Entrevistas feitas com membros do terreiro Reino de Luz, na cidade de Pelotas (RS), desmistificam alguns estigmas sobre a umbanda, tais como a associação de Exu (um dos orixás) ao Diabo (uma figura do cristianismo) e trazem reflexões sobre as consequências desses estigmas. É possível notar como mesmo fazendo parte de uma religião de matriz africana e conhecendo o verdadeiro significado de alguns pontos e rituais, muitos umbandistas são afetados pelos preconceitos aprendidos na infância ou quando eram de outras religiões (Gomes, 2013). Percebe-se então que o racismo religioso não se manifesta apenas nas violências sofridas por essas pessoas, mas também afetam suas próprias religiosidades.

No processo de sincretismo religioso das práticas de matriz africanas e cristãs, a população negra adotou costumes tradicionalmente brancos ou seguiu uma dupla filiação religiosa como método para conseguir aceitação social (Ortiz, 2006). Alguns praticantes seguiram esse modelo de dupla filiação ou de certo modo tentam modificar práticas da sua religião afro-brasileira na tentativa de torná-la mais aceita a partir de crenças cristãs (R. S. de A. Gomes, 2013).

O processo de estigmatização que os praticantes da umbanda e do candomblé sofrem na sociedade brasileira foi abordado com recorrência nos artigos brasileiros sobre preconceito religioso (Fonseca, 2001; Nascimento, 2015). Existe uma visão racista compartilhada pela sociedade que contribui para o estabelecimento de estigmas negativos para as pessoas adeptas de tais religiões. Como citado por um dos entrevistados da pesquisa de Nascimento (2015, p. 26): “o *Candomblé* é visto como uma religião de negros e pobres”.

Muitas vezes as produções midiáticas não ajudam a combater os preconceitos associados a essas religiões, muito pelo contrário, reforçando imagens caricatas (Nascimento, 2015). Como consequência das imagens depreciativas apresentadas em filmes e séries, a sociedade mais ampla classifica as religiões afro-brasileiras como lugares de “bichas”, pretos e pobres” (Fonseca, 2001; Nascimento, 2015).

Além da socialização escolar e midiática contribuírem para a disseminação de ideias preconceituosas, a ineficiência da atuação estatal também contribui para a impunidade diante do racismo religioso, mesmo com a existência da Lei Caó para a proteção da liberdade religiosa, isso porque o reconhecimento de um caso como racismo religioso fica a cargo das convicções dos profissionais responsáveis; sendo muitas vezes minimizados ou ignorados. Uma vez que a Lei Caó só é aplicada em casos nos quais os atos são direcionados a grupos em geral, as ofensas contra a religião de uma pessoa ou pequeno grupo não são tratados como intolerância, sendo julgados como pequenos “conflitos”.

O conteúdo abordado pela autora relaciona-se com os demais encontrados nesta revisão (e.g. Fonseca, 2001; Nascimento, 2015), ao passo em que expõe como o candomblé e a umbanda, por exemplo, são frequentemente associados à maldade, misticismo e criminalidade, essas associações também são mais frequentes com pessoas pobres e pretas, sendo esse segundo fator o mais marcante segundo autores que defendem o uso do termo “racismo religioso” (Hartikainen, 2021).

De modo geral, a partir da análise destes artigos, observa-se que o preconceito e racismo religiosos estão presentes em diversos espaços sociais, como o ambiente escolar, onde preconceitos e estigmas ainda persistem mesmo com a existência de leis que visam combatê-lo (Martins & Wingert, 2019; Quintana, 2018). Os estudos apontam o racismo religioso como uma expressão do racismo estrutural brasileiro, no qual as religiões de matriz africana, como a umbanda e o candomblé, continuam sendo alvo de discriminação, tanto por parte da sociedade quanto por representações midiáticas que reforçam visões negativas e estereotipadas (Fonseca, 2001; Nascimento, 2015).

Preconceito Religioso de Forma Geral e Contra Outras Religiões

Entre os artigos analisados, seis abordam o preconceito contra muçulmanos (Al Sadi & Basit, 2013; Brambilla et al., 2013; Greaves et al., 2020; Hanania & Trager, 2021; Kunst et al., 2015; Paige et al., 2015). Estes estudos apontam que o preconceito contra muçulmanos é principalmente motivado por questões raciais, no qual a religião é um marcador social para estereótipos negativos, que associam os muçulmanos a uma religião ameaçadora. Enquanto outros trabalhos ampliam o escopo da análise ao examinar diferentes alvos do preconceito religioso, foram encontrados estudos que investigaram o preconceito de muçulmanos contra chineses, considerando fatores religiosos e políticos (Putra et al., 2021); um estudo que explorou o preconceito contra ateus (Kossowska et al., 2017), e um estudo que discute a invisibilidade de grupos religiosos nos livros de serviço social (Hodge et al., 2006).

Tabela 2

Artigos sobre Preconceito Religioso de Forma Geral e Contra Outras Religiões

Autor(es)	Área	Objetivo	Método
Goplen & Plant (2015)	Psicologia Social	Investigar o papel da ameaça de cosmovisão religiosa no preconceito religioso.	Foram utilizados questionários, vinhetas, escalas e entrevistas.
Clobert et al. (2017)	Psicologia	Investigar quais mecanismos medeiam a ligação entre religiosidade e preconceito.	Foram realizados dois estudos quantitativos, o estudo 1 com ocidentais e o estudo 2 com asiáticos de tradição budista, taoísta e/ou confucionista.
Banton et al. (2020)	Psicologia social	Investigar a associação entre atitudes em relação a imigrantes e preconceitos raciais e religiosos.	Pesquisa quantitativa -Escala de conservadorismo. -Apresentação de reportagens com imigrantes de cores variadas. -Questionário sobre imigrantes.
Kossowska et al. (2017)	Psicologia	Investigar se o ato de expressar preconceito pode reduzir a ameaça representada pelo grupo ateu.	Pesquisa empírica. Depois de serem expostos a visões ateístas, os participantes podiam expressar seu preconceito em relação aos ateus. A ameaça foi medida pela frequência cardíaca (FC).

Kunst et al. (2015)	Psicologia	Investigar como a interação entre a identificação religiosa e o preconceito religioso molda as atitudes de aculturação religiosa.	Experimental -Escala de identidade religiosa; -Escala de Islamofobia; -Escala de islamofobia percebida; -Escala de aculturação feita pelos autores.
Moritz et al. (2020)	Psiquiatria e Psicologia	Explorar até que ponto cinco condições mudaram as atitudes dos participantes à sua fé e a outras religiões.	Estudo quantitativo (Pré-avaliação, priming e pós-avaliação). Ele comparou duas abordagens interventivas para reduzir o preconceito religioso.
Streib & Klein (2014)	Psicologia	Investigar que estruturas religioso-cognitiva reduzem o preconceito religioso.	Pesquisa empírica com a aplicação de escalas.
Aosved et al. (2009)	Psicologia Social	Criar uma medida de intolerância que reflita a construção ampla da intolerância e as suas múltiplas dimensões.	Pesquisa empírica composta com a construção de uma escala de esquemas intolerantes.
Paige et al. (2015)	Psicologia	Investigar quanto assédio étnico iraniano -americanos de diversas origens religiosas percebem no dia a dia.	Pesquisa empírica por meio de entrevista e aplicação da Escala de Experiências de Assédio Étnico.
Putra et al. (2021)	Psicologia social	Investigar a percepção dos manifestantes sobre os motivos religiosos dos protestos.	Pesquisa empírica por meio de entrevista, com imagens e vídeos como <i>priming</i> .
Brambilla et al. (2013)	Psicologia social	Distinguir os diferentes tipos de religiosidade e sua relação com o preconceito.	Pesquisa empírica com entrevista e aplicação de Escala de Internalização Religiosa Cristã.

A religião frequentemente divide pessoas em grupos, com maior simpatia pelos membros da própria crença. Nos Estados Unidos, onde a maioria da população é cristã, os muçulmanos, como minoria, enfrentam estereótipos negativos associados a grupos terroristas. Nesse contexto, o modelo do preconceito em primeiro lugar foi utilizado para argumentar que preferências e orientações em políticas externas, como intervenções humanitárias, são influenciadas por preconceitos. Nesse modelo, em primeiro lugar, as atitudes são motivadas menos por intuições

morais, e mais pelo preconceito em relação a um grupo seja partidário, racial ou religioso. O estudo revelou que apoiadores do Partido Conservador Americano têm maior tendência a apoiar intervenções humanitárias em favor de cristãos que estejam em risco, do que apoiar muçulmanos em situação análoga (Hanania & Trager, 2021).

Os indivíduos tendem a se identificar com os membros do próprio grupo e a competir com grupos externos, seja por recursos materiais ou simbólicos. Desde a Revolução Iraniana, em

1979, que transformou o Irã em uma República Islâmica, as relações entre o país e os EUA têm sido marcadas por tensões e conflitos. Nesse sentido, foi realizado um estudo para investigar como é ser iraniano e residir nos EUA. Os resultados indicaram que essa condição pode gerar um ambiente hostil, especialmente para aqueles facilmente identificados como parte de grupos estigmatizados, por sinais como sotaque, cor da pele, símbolos religiosos e vestuário (Paige et al., 2015). Um estudo semelhante demonstrou que no Reino Unido imigrantes muçulmanos eram considerados mais ameaçadores que imigrantes não-muçulmanos. Mesmo entre os participantes menos moralmente conservadores, a religião foi um aspecto determinante no preconceito, com os muçulmanos sendo mais desumanizados do que

os imigrantes sem religião aparente (Banton et al., 2020).

Os muçulmanos são frequentemente retratados pela mídia de forma estereotipada, com valores culturais apresentados como incompatíveis, promovendo a sua rejeição. A mídia é tendenciosa, tendo assim um importante papel na construção dos estereótipos negativos associados aos muçulmanos, não dando destaque quando essa religião é afetada. Como exemplo, o ataque de 15 de março de 2019, em Christchurch, Nova Zelândia, quando um supremacista branco matou 51 muçulmanos em duas mesquitas. O estudo ressalta a importância de compreender o preconceito antimuçulmano e de desenvolver estratégias para promover a aceitação e inclusão (Greaves et al., 2020).

Tabela 3

Artigos Intolerância Religiosa de Forma Geral e Contra Outras Religiões

Autor(es)	Área	Objetivo	Método
Al Sadi & Basit (2013)	Educação	Investigar os níveis de tolerância religiosa entre jovens mulheres estudantes no Omã e o impacto da intervenção escolar.	Estudo quantitativo. A amostra foi composta por 241 meninas, das quais 116 eram do grupo experimental e 125 do controle.
Coelho & Coelho (2015)	Educação	Analisar as sociabilidades juvenis engendradas e vividas no ambiente escolar.	Pesquisa quantitativa
Rothgangel (2016)	Psicologia	Discutir como a educação inter-religiosa pode contribuir para impedir e combater o preconceito religioso nas escolas.	Estudo teórico que mostra diversas teorias cognitivas da psicologia e como elas se relacionam com o preconceito religioso.
Ekici & Yucel (2014)	Sociologia	Analisar os efeitos de diferentes dimensões da religiosidade e da confiança no preconceito religioso e racial.	Estudo empírico utilizando uma modelagem de regressão logística multinível de um banco de dados.

Hodge et al. (2006)	Serviço social	Examinar a visibilidade dos grupos religiosos em comparação com outros grupos culturais. E como os grupos religiosos são retratados quando aparecem na literatura.	Pesquisa documental. Foi realizada uma análise de conteúdo em 71 influentes livros didáticos de serviço social.
Greaves et al. (2020)	Ciências sociais	Investigar a prevalência do preconceito antimuçulmano na Nova Zelândia.	Pesquisa empírica por meio de entrevista.
Hanania & Trager (2021)	Ciência política	Testar o preconceito racial e religioso nas preferências em relação à intervenção humanitária.	Pesquisa empírica experimental.
Rabbia (2020)	Sociologia	Explorar como os evangélicos de Córdoba percebem sua posição social.	Pesquisa qualitativa, com base nas narrativas autobiográficas de 23 entrevistados.

A islamofobia dificulta a integração da minoria muçulmana em comunidades ocidentais (Kunst et al., 2015). A partir de dois estudos quantitativos realizados na Noruega, os autores observaram que diante de altos níveis de islamofobia, a identificação religiosa dos membros da minoria muçulmana foi negativamente relacionada com a integração e engajamento na cultura nacional, eles ficavam mais excluídos e reclusos para preservar sua cultura. A expressão social do preconceito religioso também foi foco de análise (Streib & Klein, 2014). Os autores buscaram investigar quais aspectos relacionados aos esquemas religiosos dos indivíduos e suas estruturas religioso-cognitivas apoiam a redução do preconceito religioso. Observaram a relação entre imagens específicas de Deus (especificamente imagem de Deus como juiz e redentor) e maiores níveis de preconceito contra muçulmanos e judeus. Também observaram, a partir da aplicação de um instrumento de pesquisa (a Escala de Esquema Religioso), que as associações a certos tipos de esquemas religiosos descritos no texto estão mais relacio-

nadas com o preconceito em comparação com os outros esquemas.

Estudos que abordam formas de combater o preconceito religioso ainda são escassos, embora sejam de fundamental importância. Os artigos de Al Sadi e Basit (2013) e o de Moritz et al. (2020) trazem estudos quantitativos que buscam propor formas de intervenção contra o preconceito religioso direcionado aos muçulmanos. Al Sadi e Basit (2013) investigaram os níveis de tolerância religiosa entre jovens mulheres estudantes em Omã. A partir de entrevistas e questionários aplicados antes e depois da intervenção (que consistiu em atividades educacionais voltadas para instigar a compreensão e o respeito entre diferentes grupos religiosos), observou-se um aumento nos níveis de tolerância em relação a outras religiões, a conversão religiosa e a liberdade de culto no grupo experimental.

Como a educação inter-religiosa pode contribuir para diminuir e combater o preconceito religioso também foi tema de estudo. A partir da relação de várias teorias cognitivas (por exem-

plo, a Teoria do Esquema Cognitivo e a Teoria da Identidade Social) com o preconceito religioso, como tais teorias podem contribuir para a educação inter-religiosa (Rothgangel, 2016).

Diante do objetivo de contribuir com formas de intervenção, realizou-se um estudo amplo, no qual buscou investigar as atitudes de pessoas cristãs, muçulmanas e sem religião em relação às três principais religiões monoteístas: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo (Moritz et al., 2020). A partir do estudo, o autor buscou investigar qual abordagem era mais eficaz no combate ao preconceito religioso, a abordagem metacognitiva ou a abordagem educacional. Na abordagem metacognitiva os participantes responderam um questionário simples e após cada resposta incorreta, fornecia-se a resposta correta acompanhada de informações corretivas. Por sua vez na abordagem educacional os participantes receberam informações sobre as três principais religiões monoteístas (judaísmo, cristianismo e islamismo) apresentadas de forma narrativa simples. Concluiu-se que com a abordagem educacional não houve melhora significativa nas atitudes dos participantes do grupo experimental em comparação com o grupo controle. Ao passo em que a abordagem metacognitiva demonstrou melhores resultados e uma avaliação mais positiva dos participantes.

Também se destaca o papel da identidade religiosa na política e na mobilização de ações de massa, mesmo as violentas (Putra et al., 2011). Estes autores analisaram o preconceito de muçulmanos contra chineses na Indonésia, onde o islã predomina como a maior religião do país. O estudo mostrou que o preconceito religioso pode fundamentar outros preconceitos, como o racial, devido ao conservadorismo moral.

Ao explorar as vivências da comunidade evangélica de Córdoba, na Argentina, a partir dos relatos de situações de preconceito religioso vivenciado e praticado pelo grupo, Rabbia (2020) explora as relações e estratégias dos religiosos para conviver com a intolerância religiosa. Os entrevistados relatam como muitos membros da religião buscam se proteger do preconceito por meio do convívio restrito ao endo-

grupo; sendo o pertencimento a mesma religião um fator determinante até mesmo no momento de contratar alguém para uma vaga profissional. Entre aqueles que mantêm contato com outros grupos e crenças religiosas, como os católicos ou não religiosos, existem muitos momentos de dificuldade em conciliar o pertencimento a diferentes grupos.

Pesquisas sobre religiosidade e preconceito frequentemente se baseiam na distinção entre orientação religiosa intrínseca e extrínseca, proposta por Allport e Ross (1967). Brambilla et al. (2013) abordam conceitos similares, diferenciando religiosidade identificada, que está associada à internalização de valores pró-sociais e tolerantes, e religiosidade introjetada, que reflete a adesão para obter aprovação social ou conformidade com normas, sem internalização genuína. No contexto italiano, foi observado que essas duas formas de religiosidade influenciam o preconceito de maneiras distintas e opostas, mediadas por diferentes valores. A religiosidade identificada e a introjetada apresentam uma correlação positiva entre si. No entanto, apenas a religiosidade identificada se correlacionou com o preconceito contra muçulmanos. Além disso, o endosso de valores pró-sociais mostrou associação com ambos os tipos de religiosidade e uma correlação negativa com o preconceito antimuçulmano.

Aspectos mais gerais do preconceito religioso e a sua relação com aspectos específicos da sociedade também foram analisados a partir dos artigos selecionados (Clobert et al., 2017; Ekici & Yucel, 2014). Clobert et al. (2017) analisaram quais mecanismos cognitivos (intolerância à contradição) e emocionais (repulsa) podem estar mediando a relação entre religiosidade e preconceito versus tolerância. A partir de dois estudos quantitativos utilizando medidas de religiosidade, variáveis grupais manipuladas e medidas explícitas do preconceito, investigaram diferenças nas atitudes preconceituosas entre praticantes de religiões ocidentais (cristianismo) e praticantes de religiões orientais (budismo). No estudo 1 a religiosidade cristã ocidental previu atitudes preconceituosas em relação a grupos

externos raciais (africanos), etno religiosos (muçulmanos) e morais (homossexuais), tal efeito foi parcialmente explicado pela elevada sensibilidade à repulsa e intolerância à contradição. No estudo 2 a religiosidade do Leste Asiático (religiões como o budismo e o taoísmo) previu a tolerância, ou o baixo preconceito em relação aos mesmos grupos raciais, etno religiosos e morais, o que foi explicado pelos baixos níveis de intolerância à contradição.

Com o objetivo de construir uma escala de medida de intolerância com uma ampla abrangência de dimensões (sexismo, racismo, preconceito sexual, preconceito de idade, preconceito sexual, classismo e intolerância religiosa), foram desenvolvidos dois estudos. O primeiro focou na construção da escala, e o segundo estudo buscou aplicar e testar sua confiabilidade e efetividade. Os autores concluem que os seis fatores da escala criada possuem validade de critério (Aosved et al., 2009).

Ainda analisando os artigos quantitativos encontrados na busca, com o objetivo de analisar os efeitos da confiança e de diferentes dimensões da religiosidade no preconceito religioso e racial, Ekici e Yucel (2014) conduziram um estudo com dados de 37 países da União Europeia. Um aspecto de destaque é o particularismo religioso (a crença de que apenas a religião do indivíduo é a verdadeira e correta) e como ele está correlacionado com mais preconceito religioso e racial; enquanto aspectos como a crença doutrinária (adesão a crenças e ensinamentos de uma religião específica) e a espiritualidade individual estão relacionados com menos preconceito religioso. Outro aspecto importante observado foi que as variáveis de confiança generalizada individual, confiança generalizada a nível nacional e confiança na UE estão todas negativamente correlacionadas com o preconceito religioso e racial.

O preconceito também atinge grupos ou pessoas que não possuem religião, foi realizado na Polônia um estudo sobre o preconceito contra ateus. No estudo os ateus foram identificados como um dos grupos mais ameaçadores para religiosos ortodoxos, pois as crenças religiosas frequentemente ajudam a lidar com a incerteza, en-

quanto ideias contrárias podem ser vistas como ameaças às normas estabelecidas (Kossowska et al., 2017). No campo da educação foi identificado que os cursos e materiais de serviço social frequentemente não preparam adequadamente os profissionais para trabalhar sem discriminação no atendimento a clientes religiosos. Foram analisados 71 livros influentes na área e observaram que os grupos religiosos são frequentemente invisibilizados ou tratados de maneira estereotipada (Hodge et al., 2006).

Por fim, assim como outros trabalhos analisados destacaram o ambiente educacional como chave para o combate ao preconceito religioso (Al Sadi & Basit, 2013; Moritz et al., 2020; Rothgangel, 2016), outros autores também abordam a temática na escola, mas com foco em como ela se manifesta (Coelho & Coelho, 2015; Freitas, 2021). Coelho e Coelho (2015) perceberam por meio da fala dos estudantes e da observação dos pesquisadores que o preconceito religioso e o silêncio marcam o cotidiano escolar. Além disso, nota-se uma contradição nos relatos dos estudantes, visto que um quarto deles disse ter presenciado algum preconceito na escola, mas poucos afirmaram conhecer alguém preconceituoso ou ter sido vítima de preconceito, o que pode representar a falta de liberdade para falar abertamente sobre o tema.

A escola é muitas vezes reprodutora de preconceitos, seja pelos livros que ignoram a cultura e a religiosidade de grupos minoritários, seja pela tentativa falha de implementar um ensino inclusivo, que ocorre de maneira muito conteudista e pouco crítica (Freitas, 2021). Desse modo, temas ligados ao preconceito seguem sendo tabus no ambiente escolar e tendo manutenção na sociedade como um todo. O ambiente escolar deve adotar uma abordagem mais antropológica, utilizando metodologias que busquem questionar o que é dado como certo e familiar, bem como entender profundamente as culturas e religiosidades ditas como exóticas (Freitas, 2021).

Os estudos analisados evidenciam que a intolerância religiosa se manifesta de diversas formas e atinge diferentes grupos, com destaque

para os muçulmanos, frequentemente associados de forma negativa a ideias de ameaça e violência (Al Sadi & Basit, 2013; Brambilla et al., 2013; Greaves et al., 2020; Hanania & Trager, 2021; Kunst et al., 2015; Paige et al., 2015). Outros artigos também abordam o preconceito contra ateus (Kossowska et al., 2017) e a invisibilidade de grupos religiosos em materiais educacionais (Hodge et al., 2006). O papel da educação e do diálogo inter-religioso como estratégias eficazes para promover a tolerância e reduzir atitudes preconceituosas foi considerado essencial (Al Sadi & Basit, 2013; Moritz et al., 2020; Rothgangel, 2016). Assim, conclui-se que o enfrentamento do preconceito religioso requer ações educativas contínuas, políticas públicas inclusivas e uma mudança cultural que valorize a diversidade de crenças como parte essencial da convivência democrática e do respeito mútuo.

Conclusão

Este trabalho teve como objetivo analisar o que tem sido produzido academicamente acerca do preconceito e racismo religioso no Brasil e demais países. A análise de 26 artigos sobre o tema mostra uma predominância no Brasil de produções com foco no racismo religioso (contra religiões de matriz africana, como a umbanda e o candomblé). Percebe-se que as religiões afro-brasileiras são os maiores alvos de discriminação no país, como fruto de uma política histórica na qual elas foram proibidas, perseguidas e associadas a estereótipos negativos que perpetuaram no imaginário popular.

A legalização tardia das religiões de matriz africanas, apenas com a Constituição de 1988, somada à influência midiática e a aplicação muitas vezes falha das leis que visam proteger a liberdade religiosa, são responsáveis pela associação das religiões de matriz africanas e seus praticantes à marginalidade e crueldade.

No que diz respeito ao preconceito contra outras religiões, os seis artigos que abordaram a discriminação contra muçulmanos destacam que o islamismo ainda é frequentemente associado a estereótipos negativos vinculados a pequenos

grupos extremistas. Essa associação prejudica a integração dos muçulmanos em países onde predominam outras religiões, além de dificultar a percepção das pessoas sobre a importância de campanhas de intervenção humanitária relacionadas a essa comunidade.

Esta revisão apresenta como limitação a escolha dos descritores para a seleção dos artigos. Estudos futuros podem utilizar os descritores “racismo” e “intolerância” além de “preconceito”, o que pode ajudar a ampliar a busca, uma vez que no Brasil existe um debate sobre qual termo seria mais apropriado, sendo “intolerância religiosa” um termo muito comum e “racismo religioso” um termo que tem sido mais utilizado nos trabalhos que debatem a influência racial no preconceito religioso no país.

Apesar das limitações, os achados trazem importantes reflexões sobre como as construções simbólicas em torno das religiões que são alvos de preconceito permeiam os espaços públicos, influenciando inclusive o julgamento dado aos casos. O preconceito religioso é mais do que um julgamento ou atos individuais de violência. Na prática ele influencia questões que vão desde o convívio estrito ao endogrupo, até a decisão de apoiar ou não intervenções humanitárias e políticas migratórias. Um ponto em comum entre os resultados de estudos nacionais e internacionais é a motivação racial no preconceito religioso, tanto no caso brasileiro, com as religiões de matriz africanas, quanto no caso do preconceito com o islamismo. Os resultados indicam a necessidade de ampliar as discussões, aumentar as pesquisas empíricas e implementar ações mais efetivas para combater o racismo e o preconceito religioso, considerando os prejuízos que esses fenômenos causam tanto no nível individual quanto no coletivo.

Contribuição dos autores

Samira Silva Costa contribuiu com os procedimentos de busca, organização, filtragem, escrita do artigo e formatação para a publicação.

Rose Mariane Passos Cavalcante contribuiu com os procedimentos de busca, organização, filtragem e escrita do artigo.

Rita de Cassia de Jesus Oliveira e Marcus Eugênio Oliveira Lima contribuíram com a escrita, revisão e orientação para a elaboração do artigo.

Conflitos de interesse

As pessoas responsáveis pela autoria do manuscrito declaram não haver conflito de interesses relacionado à publicação deste manuscrito.

Referências

- Al Sadi, F. H., & Basit, T. N. (2013). Religious tolerance in Oman: Addressing religious prejudice through educational intervention. *British Educational Research Journal*, 1–26. <https://doi.org/10.1080/01411926.2011.652071>
- Allport, G. W., & Ross, M. (1967). Personal religious orientation and prejudice. *Journal of Personality and Social Psychology*, 5(4), 432–443.
- Aosved, A. C., Long, P. J., & Voller, E. K. (2009). Measuring sexism, racism, sexual prejudice, ageism, classism, and religious intolerance: The intolerant schema measure. *Journal of Applied Social Psychology*, 39(10), 2321–2354. <https://doi.org/10.1111/j.1559-1816.2009.00528.x>
- Banton, O., West, K., & Kinney, E. (2020). The surprising politics of anti-immigrant prejudice: How political conservatism moderates the effect of immigrant race and religion on inhumanization judgements. *British Journal of Social Psychology*, 59(1), 157–170. <https://doi.org/10.1111/bjso.12337>
- Brambilla, M., Manzi, C., Regalia, C., & Verkuyten, M. (2013). Religiosity and prejudice: Different patterns for two types of religious internalization. *The Journal of Social Psychology*, 153(4), 486–498. <https://doi.org/10.1080/00224545.2013.768592>
- Brasil. (1890). *Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890. Promulga o Código Penal dos Estados Unidos do Brasil*. <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1889-1899/decreto-847-11-outubro-1890-350711-publicacaooriginal-1-pe.html>
- Brasil. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. (2024). *Painel de dados: Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos – 2024*. <https://www.gov.br/mdh/pt-br/ondh/painel-de-dados/2024>
- Carneiro, J. D. (2019, September 20). *A luta para tirar do Museu da Polícia itens de umbanda e candomblé confiscados há mais de um século*. BBC News Brasil. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49377670>
- Clobert, M., Saroglou, V., & Hwang, K.-K. (2017). East Asian religious tolerance versus Western monotheist prejudice: The role of (in)tolerance of contradiction. *Group Processes & Intergroup Relations*, 20(2), 216–232. <https://doi.org/10.1177/1368430215603458>
- Coelho, W. D. N. B., & Coelho, M. C. (2015). Prejudice and discrimination beyond the classroom: Sociability and youth culture in the school environment. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 62(62), 32–53. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901x.v0i62p32-53>
- Crawford, R. G. (2002). *What is religion?: Introducing the study of religion*. Routledge.
- De Ataíde, M. A. (2017). Diversidade cultural e intolerância religiosa: Uma afronta aos direitos humanos, uma questão de educação. *Momento - Diálogos em Educação*, 26(2), 297–312. <https://doi.org/10.14295/momento.v26i2.7105>
- De Jesus, M. L., Cavalcanti, M. A., & de Miranda, M. G. (2023). Percepções acerca da intolerância às religiões de matrizes africanas. *Revista Valore*, 8, Artigo e8058. <https://doi.org/10.22408/rev8020231125e-8058>
- Ekici, T., & Yucel, D. (2014). What determines religious and racial prejudice in Europe? The effects of religiosity and trust. *Social Indicators Research*, 122(1), 105–133. <https://doi.org/10.1007/s11205-014-0674-y>
- Fonseca, E. P. de A. (2001). Faces da identidade afro-brasileira: Um estudo do estigma e preconceito religioso. *Cadernos de Estudos Sociais*, 17(1). <https://periodicos.fundaj.gov.br/CAD/article/view/1273>
- Freitas, M. D. A. (2021). Antropologia e educação escolar: A educação indígena, o combate à misoginia, à LGBTTFobia e à discriminação contra a cultura afro-brasileira. *Educação em Revista*, 37. <https://doi.org/10.1590/0102-469826064>
- Gabatz, C. (2015). Diversidade e intolerância religiosa na sociedade brasileira contemporânea. *Protestantismo em Revista*, 37(1), 3–19. <https://doi.org/10.22351/nepp.v37i0.2638>

- Gomes, N. S., Farina, M., & Forno, C. D. (2014). Espiritualidade, religiosidade e religião: Reflexão de conceitos em artigos psicológicos. *Revista de Psicologia da IMED*, 6(2), 107–112. <https://doi.org/10.18256/2175-5027/psico-imed.v6n2p107-112>
- Gomes, R. S. de A. (2013). “A língua desse povo não tem osso, deix’esse povo falá”: Campo sonoro da linha de Quimbanda do Terreiro de Umbanda Reino de Luz - Som e preconceito. *Per Musi*, 28, 192–207. <https://doi.org/10.1590/s1517-75992013000200015>
- Goplen, J., & Plant, E. A. (2015). A religious worldview. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 41(11), 1474–1487. <https://doi.org/10.1177/0146167215599761>
- Greaves, L. M., Rasheed, A., D’Souza, S., Shackleton, N., Oldfield, L. D., Sibley, C. G., Milne, B., & Bulbulia, J. (2020). Comparative study of attitudes to religious groups in New Zealand reveals Muslim-specific prejudice. *Kōtuitui: New Zealand Journal of Social Sciences Online*, 15(2), 260–279. <https://doi.org/10.1080/1177083x.2020.1733032>
- Hanania, R., & Trager, R. (2021). The prejudice first model and foreign policy values: Racial and religious bias among conservatives and liberals. *European Journal of International Relations*, 27(1), 135406612093080. <https://doi.org/10.1177/1354066120930801>
- Hartikainen, E. (2021). Racismo religioso, discriminação e preconceito religioso, liberdade religiosa: Controvérsias sobre as relações entre o estado e religião no Brasil atual. *Debates do NER*, 40, 89–114. <https://doi.org/10.22456/1982-8136.120588>
- Hodge, D. R., Baughman, L. M., & Cummings, J. A. (2006). Moving toward spiritual competency. *Journal of Social Service Research*, 32(4), 211–231. https://doi.org/10.1300/j079v32n04_12
- Kossowska, M., Szwed, P., Czernatowicz-Kukuczka, A., Sekerdej, M., & Wyczęsany, M. (2017). From threat to relief: expressing prejudice toward atheists as a self-regulatory strategy protecting the religious orthodox from threat. *Frontiers in Psychology*, 8. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.00873>
- Kunst, J. R., Sadeghi, T., Tahir, H., Sam, D., & Thomsen, L. (2015). The vicious circle of religious prejudice: Islamophobia makes the acculturation attitudes of majority and minority members clash. *European Journal of Social Psychology*, 46(2), 249–259. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2174>
- Lima, M. E. O. (2011). Preconceito. In A. R. R. Torres, L. Camino, M. E. O. Lima, & M. E. Pereira (Eds.), *Psicologia social: Temas e teorias* (2. ed., pp. 31–108). Technopolitik.
- Martins, J. F., & Wingert, V. D. (2019). A intolerância religiosa como tentáculo do racismo e preconceito contra a cultura de matriz africana. *Revista Espaço Acadêmico*, 214, 78–87.
- Miranda, A. P. M. de. (2010). Entre o privado e o público: Considerações sobre a (in) criminalização da intolerância religiosa. *Anuário Antropológico*, 35(2), 125–152. <https://doi.org/10.4000/aa.939>
- Miranda, A. P. M. de. (2021). A “Política dos terreiros” contra o racismo religioso e as políticas “cristofascistas.” *Debates do NER*, 40. <https://doi.org/10.22456/1982-8136.120344>
- Moritz, S., Ahmed, K., Krott, N. R., Ohls, I., & Reininger, K. M. (2020). How education and metacognitive training may ameliorate religious prejudices: A randomized controlled trial. *The International Journal for the Psychology of Religion*, 31(2), 121–137. <https://doi.org/10.1080/10508619.2020.1815994>
- Nascimento, A. (2015). Vozes da África nos simbolismos da ficção: Ecos do preconceito étnico-religioso em Tenda dos Milagres. *Comunicação, Mídia e Consumo*, 12(35), 12–30. <https://doi.org/10.18568/cmc.v12i35.1028>
- Nogueira, S. (2020). *Intolerância religiosa*. Sueli Carneiro; Pólen Livros.
- Ortiz, R. (2006). *Mundialização: Saberes e opiniões*. Brasiliense.
- Paige, S., Hatfield, E., & Liang, L. (2015). Iranian-American’s perceptions of prejudice and discrimination: Differences between muslim, jewish, and non-religious Iranian-Americans. *Interpersona: An International Journal on Personal Relationships*, 9(2), 236–252. <https://doi.org/10.5964/ijpr.v9i2.194>
- Putra, I. E., Wagner, W., Holtz, P., & Rufaedah, A. (2021). Accounting for a riot: Religious identity, denying one’s prejudice, and the tool of blasphemy. *Journal of Social and Political Psychology*, 9(1), 69–85. <https://doi.org/10.5964/jsp.5565>
- Quintana, E. (2018). Preconceito étnico e religioso na escola: (Des)humanização e barbárie. *Revista*

- Aleph*, 31. <https://doi.org/10.22409/revistaleph.v0i31.39275>
- Rabbia, H. H. (2020). Otriedad, diversidad religiosa y prejuicios en las interacciones cotidianas de evangélicos/as de Córdoba, Argentina. *Sociologias*, 22(53), 36–63. <https://doi.org/10.1590/15174522-98898>
- Rodrigues, D. S. S. (2020). Intolerância racial e discriminação religiosa em espaço escolar na Ilha de Mosqueiro, Belém-PA. *Revista Humanidades e Inovação*, 7(15), 227–239.
- Rothgangel, M. (2016). Interreligious education in the context of social psychology research on attitudes and prejudice. *HTS Theologisches Studies / Theological Studies*, 72(4). <https://doi.org/10.4102/hts.v72i4.3297>
- Silva, V. G. (2011). *Intolerância religiosa: Impactos do neopentecostalismo no campo religioso Afro-brasileiro*. Edusp.
- Streib, H., & Klein, C. (2014). Religious styles predict interreligious prejudice: A study of German adolescents with the religious schema scale. *The International Journal for the Psychology of Religion*, 24(2), 151–163. <https://doi.org/10.1080/10508619.2013.808869>
- Tricco, A. C., Lillie, E., Zarin, W., O'Brien, K. K., Colquhoun, H., Levac, D., Moher, D., Peters, M. D. J., Horsley, T., Weeks, L., Hempel, S., Akl, E. A., Chang, C., McGowan, J., Stewart, L., Hartling, L., Aldcroft, A., Wilson, M. G., Garritty, C., & Lewin, S. (2018). PRISMA Extension for Scoping Reviews (PRISMA-ScR): Checklist and Explanation. *Annals of Internal Medicine*, 169(7), 467–473. <https://doi.org/10.7326/M18-0850>
- Editor Associado: João Gabriel Nunes Modesto
- Recebido: 10/10/2025
1ª revisão: 30/12/2025
2ª revisão: 21/02/2026
Aceite final: 12/03/2026

Apêndice

Indicações de Referências

- Nogueira, S. (2020). *Intolerância religiosa*. Sueli Carneiro; Pólen Livros.
- Apresenta um histórico da intolerância religiosa no Brasil e analisa a linguagem da intolerância no discurso.
- Quintana, E. (2018). *Preconceito étnico e religioso na escola: (Des)humanização e barbárie*. *Revista Aleph*, 31. <https://doi.org/10.22409/revistaleph.v0i31.39275>
- Analisa intolerância religiosa presente nas escolas a partir dos relatos de docentes praticantes de religiões de matriz africana.
- Miranda, A. P. M. de. (2021). A “Política dos terreiros” contra o racismo religioso e as políticas “cristofascistas”. *Debates do NER*, 40. <https://doi.org/10.22456/1982-8136.120344>
- Apresenta o histórico do racismo religioso na política e a mobilização das religiões de matriz africana no enfrentamento dessas políticas.



O(s) autor(es), 2026. Acesso aberto. Este artigo está distribuído nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que você dê crédito apropriado ao(s) autor(es) original(ais) e à fonte, fornecer um link para a licença Creative Commons e indicar se as alterações foram feitas.